**ESCOLAS DE SAMBA E O AQUILOMBAR COMO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO**

Cintia de Assis Ricardo da Silva – Colégio Pedro II (Campus Realengo I) e ELAC/UFF

Dinah Teba da Silva– Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro; UERJ/FFP; e ELAC/UFF

O presente texto é um recorte de pesquisas realizadas no grupo de pesquisa Educação Física Escolar; Experiências Lúdicas e Artísticas; Corporeidades (ELAC/UFF), e tem como fio condutor as corporeidades. Nesta escrita trazemos algumas pistas para refletirmos acerca de modos de resistência aos ataques do conservadorismo e da necropolítica, tão presentes na atual conjuntura política do Brasil. Ao caminhar, estudar, danças, desfilar, nos permitimos a exposição aos sentidos que permitem afirmar a necessidade de lutar, ao percebermos e sentirmos as feridas históricas em nossas peles negras. Traremos destaque aos temas que são caros para nossas pesquisas e, que consideramos saberes importantes para compartilhar enquanto modos de enfrentamento das desigualdades sociais, do racismo e de outras formas de opressão e apagamento. Nesse sentido, trazemos as noções de aquilombar enquanto processo democrático ancestral, assim como as escolas de samba e suas múltiplas capilaridades formativas.

Palavras Chaves: Democracia; Escolas de Samba; Corporeidades; Aquilombar

O presente texto é um recorte de pesquisas realizadas no grupo de pesquisa Educação Física Escolar; Experiências Lúdicas e Artísticas; Corporeidades (ELAC/UFF), e tem como fio condutor as corporeidades, com seus olhares e gestos cotidianos presentes em espaçotempos coletivos formadores, como as escolas de samba, as escolas formais e a rua. Nossas pesquisas caminham, em seu escopo epistemológico, pelas trilhas dos estudos com os cotidianos, e estão atravessadas pelo olhar para as questões étnico-raciais, numa perspectiva democrática de fortalecimento de corporeidades em movimento de aquilombamento.

Nesta escrita trazemos algumas pistas para refletirmos acerca de modos de resistência aos ataques do conservadorismo e da necropolítica, tão presentes na atual conjuntura política do Brasil. Estas pistas surgem a partir das andanças pela rua, pelas escolas nas quais trabalhamos como professoras e nas escolas de samba em que atuamos como admiradoras, componentes, desfilantes, alunas e pesquisadoras. Ao caminhar, estudar, danças, desfilar, nos permitimos a exposição aos sentidos que permitem afirmar a necessidade de lutar, ao percebermos e sentirmos as feridas históricas em nossas peles negras. Temos aprendido que essas lutas também são feitas com movimentos de festa, de ludicidade, onde o riso e o suor nascem pelo aprender em coletivo.

Traremos destaque aos temas que são caros para nossas pesquisas e, que consideramos saberes importantes para compartilhar enquanto modos de enfrentamento das desigualdades sociais, do racismo e de outras formas de opressão e apagamento. Os saberes primordiais para nossa reflexão e escrita têm sido debatidos e estudados no nosso grupo de pesquisa ELAC, e em especial nas nossas pesquisas, contribuindo para olharmos para as corporeidades negras e suas relações nas macro e micro estruturas. Nesse sentido, trazemos as noções de aquilombar enquanto processo democrático ancestral, assim como as escolas de samba e suas múltiplas capilaridades formativas. Enfatizamos, neste texto, o olhar para os sambas enredo enquanto produção e anúncio de saberes históricos que podem e precisam ser visibilizados, pois tem a potência de formação, de letramento racial.

**Aquilombar? O que pode uma escola de samba nos processos formativos democráticos?**

Nossas pesquisas têm nos permitido aprofundar a importância dos coletivos para o fortalecimento das corporeidades, principalmente as negras, que chegaram e permanecem no Brasil com muitas feridas causadas pela colonização. Beatriz Nascimento em seus estudos do processo afrodiaspórico no Brasil, aponta que

O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser um guerreiro. E também é o recuo quando a luta é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias de destruição. (NASCIMENTO, 2018, p. 7)

A atualidade nos oportuniza pensar nos coletivos redes de solidariedade e formação, trazendo a ideia de aquilombar como possibilidade de organização e colaboração para o combate aa racismo. Nesse sentido o aquilombamento é entendido como tecnologia ancestral, pertencente às comunidades negras, criada, incialmente como estratégia de sobrevivência, mas não só. Atualmente, há estudos que amplificam as vozes, e que trazem à tona outros olhares para o que esse movimento foi e está sendo, compreendendo que

O ato de se aquilombar compreende a necessidade de traçar caminhos desviantes e desafia a organização social neoliberal que ordena a separação dos corpos e a individualização das coletividades, formando e renovando continuamente uma inteligência coletiva. (SOUTO, 2021, p. 157)

Partindo dessa ideia de “ato de se aquilombar”, entendemos e as escolas de samba, como espaçotempo formativo onde é possível estar em comunidade e sermos atravessadas pelos saberes ancestrais, históricos e atualizados, que circulam através das vozes, e de outros modos de expressão, como dançar, conversar, comer feijoada, ensaiar, desfilar, participar de oficinas, cursos. Assim, é importante compreendermos

as escolas de samba como formas de interação e associação de agentes sociais marginalizados em uma sociedade racista que encontraram nesta forma de organização um espaço de positivar suas vivências e pertencimento. Tornando-se importante polos de interação social essas agremiações carnavalescas e recreativas estabeleceram formas de sociabilidade e de lazer para os seus frequentadores. (OLIVEIRA JUNIOR, 2018)

Os movimentos presentes no chão de uma escola de samba são permeados por processo criativos para fazer o carnaval, o desfile propriamente dito, mas principalmente para a vida cotidiana de seus frequentadores. São oportunidades de estudar e de se profissionalizar a partir de seus projetos, de estar junto no trabalho de criar, construir e costurar as ideias e alianças, sejam elas as fantasias para o desfile no carnaval ou as táticas para viver cotidianamente, com as corporeidades mais fortalecidas.

Os movimentos formativos presentes nas escolas de samba podem ser disparadores de do exercício democrático, pois

Uma cultura democrática hoje, implica no resgate de uma memória coletiva dentro da experiência histórica da democracia política. Mas é preciso reinventar essa democracia dentro do quadro social da realidade brasileira, que é um quadro de heterogeneidade cultural, de diversidade cultural. Então é preciso que a atitude e o comportamento democrático seestenda organicamente a todo mundo que partilha a vida social. (TRINDADE, 1999, p. 21)

Assim, compreendemos que é necessário movimentar os saberes e os sentidos na direção de uma formação democrática a partir de vozes além das colonizadoras, ou seja, vozes do povo negro.

**Samba enredo: saberes e lutas cotidianas no chão das escolas de samba**

Nossas andanças pelas escolas de samba têm sido permeadas e atravessadas por experiências coletivas e pela compreensão do trabalho e pesquisa que são feitas pelos sambistas de diferentes esferas, sejam eles compositores, carnavalescos, historiadores, baianas, velha guarda e demais componentes. Destacamos neste texto, o trabalho formativo de dois sambas enredo, que dialogam diretamente com nossos olhares para a democracia e outras forças que estão presentes em nossa escrita.

O samba enredo da Mangueira, “História Pra Ninar Gente Grande” de 2019, nos afeta pelo chamado à leitura e estudos a partir de vozes silenciadas, que foram e têm sido apagadas e negligenciadas. São vozes que construíram nosso país. A letra nos convoca a buscar conhecer o lado da história que ficou de fora, e cita personagens de variadas épocas, evidenciando que, desde a invasão ao Brasil, a história trata como heróis aqueles que detém o poder, que atuaram e atuam na manutenção da lógica colonial, tentando apagar a memória dos que lutaram e tem lutado para uma democracia séria, comprometida com a equidade e reconhecimento dos valores e direitos de todas e todos. A Mangueira nos convoca a pensar no país que não é retratado, e que é preciso reconhecer e dar evidência aos heróis e heroínas negros e negras, às mulheres, aos indígenas. Essa convocação vem com alegria de cantar, de abrir os sentidos para a poética e saberes necessários, pois

Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês

Em nossos movimentos de aquilombar temos ampliado a percepção e os estudos acerca da constituição de nossa história e nossa presença no mundo. O grupo de pesquisa nos oportuniza debater, retomar ideias para formação e construir táticas de fortalecimento das corporeidades, de modo contundente, e também leve e lúdico, pois a festa e as alegria que este samba enredo traz, nos afeta a buscar e trilhar caminhos enegrecidos.

O **Grêmio Recreativo Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai**, de São Paulo, trouxe, em 2014, o enredo “Capítulo 4, Versículo 3 - Da Rua e do Povo, o Hip Hop: Um Manifesto Paulistano”, enfatizando a rua como um espaçotempo de disputa pela arte na cidade de São Paulo, além de comemorar os 40 anos da cultura Hip Hop no Brasil, dando visibilidade a arte urbana através de suas capilaridades, como Break, Grafitti, MC e DJ.

Solta o som, alô dj

Que eu mando a rima, pra embalar manos e minas

Na batida perfeita meu rap, é a voz...

As cores da minha aquarela, no muro a tela

Que o tempo desfaz, mas apagar jamais

A força do conhecimento

No gueto, procedimento

Atitude de gente bamba

Tem hip-hop no meu samba

É preto no branco

No tom do meu canto

Preconceito nunca mais

Fogo na estrutura

Justiça, igualdade, paz.

Assim como o samba enredo da Mangueira, este do Vai-Vai convoca a pensar na vida cotidiana do povo negro no Brasil. Traz a conexão com a juventude negra e a representatividade na força da arte que o tema Hip Hop traz e na necessidade do dever memória para aqueles que são apagados, historicamente e fisicamente, por conta dos braços do racismo. **Capítulo 4, Versículo 3, é uma música dos Racionais** MC’s,escrita em 1997, que retrata a violência que atinge o cotidiano da juventude da periferia. Este samba enredo trata questões caras à democracia e afirma a ideia de aquilombar, pois aponta a força da arte, da criação enquanto modo de existir e resistir ao racismo. É um modo, uma ferramenta ancestral de sobrevivência.

Esses dois sambas enredo têm atravessado nossas aulas, em nossos cotidianos escolares, primeiramente porque temos sido afetadas pelas provocações que trazem, e pela potência de problematizações de temáticas tão sérias e ao mesmo tempo tão poéticas e cheias de vida e movimento.

**Considerações provisórias**

As escolas de samba e seus movimentos tem impulsionado nossas pesquisas na direção da lógica do aquilombamento, tanto na nossa inserção no grupo de pesquisa, quanto nos outros espaçotempos em que nos inserimos. Nesse processo de escrita, afirmamos a necessidade de busca e fortalecimento de nossas corporeidades negras, compreendendo que vivenciamos a formação também nas caminhadas nas escolas de samba, experimentando as diversas oportunidades de reflexão e aprendizado a respeito de nós mesmas, por vias da ancestralidade dos saberes que estão em jogo.

Afirmamos também nosso afeto e encantamento por esses dois sambas enredo, pela riqueza de temas e questionamentos que nos obrigam a continuar em diálogo e abertura para as problemáticas que os temas provocam. A tessitura deste texto implicou em reforçarmos a atenção aos movimentos de solidariedade que são necessários para o fortalecimento das lutas pela equidade e pelo combate ao racismo, que desde sempre nos agride com as tentativas de apagamento. Salve o Carnaval e as Escolas de Samba! Viva a democracia!

Referências

Grêmio Recreativo Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai. **Capítulo 4, Versículo 3**

**Da Rua e do Povo, o Hip Hop: Um Manifesto Paulistano.** 2024

G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira. **História para ninar gente grande.** 2019

NASCIMENTO. Maria Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias de destruição**. São Paulo: Diáspora Africana. 2018.

OLIVEIRA JUNIOR, Mauro Cordeiro de. CARNAVALESCOS E AS ESCOLAS DE SAMBA S/A: PRODUÇÃO SIMBÓLICA, INDÚSTRIA CULTURAL E MEDIAÇÃO. **csonline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, *[S. l.]*, n. 24, 2018. DOI: 10.34019/1981-2140.2017.17463. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17463. Acesso em: 31 maio. 2024.

SOUTO, Stéfane. É tempo de aquilombar: da tecnologia ancestral à produção cultural contemporânea. **Políticas Culturais em Revista.,** Salvador, v. 14, n. 2, p. 142-159, jul./dez. 2021.

TRINDADE, Azoilda Loretto da (Org.) et al. **Multiculturalismo: mil e uma faces da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.